

ESCOLA FAMÍLIA: INTER-RELAÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO EFICAZ. O PERIGO ESTÁ NA DEMORA

Alice Tomé¹

(Universidade da Beira Interior, Covilhã)

Rafael Carreira Tomé²

(Universidad de Sevilla)

1. Sem perder tempo

Aos novos desafios que à sociedade se colocam, não pode a educação responder com velhas soluções, e, menos ainda quando elas são demoradas na concretização.

Reflectimos aqui sobre os perigos que, a demora na concretização da acção educativa assertiva entre a escola e a família acarreta em termos sociais, constituindo, em nosso entender, um dos problemas mais sérios que se colocam à educação em geral, em sociedades plurilingues e multiculturais.

Citamos o provérbio, *ad litteram*, de que, “quem tempo tem e por tempo espera, tempo virá em que desespera”, com um vincado sentido de que, o retardar ou adiar as soluções educativas é, na actual acelerada sociedade mandar a educação *ad patres*.

Referimos que, *in extremis*, a eficácia educativa e as inter-relações devem ter reflexos imediatos na vida do dia a dia dos educandos e da sociedade e não, *data venia*, mandar os seus efeitos para as calendas, levando a que, quando chegam venham fora de oportunidade e de utilidade.

Este agir, *comme il faut*, para o imediato, não significa cortar a visão de médio e longo prazo que também se impõem educativa e socialmente.

Olhamos para a influência dos média na educação, e, da urgência em reflectir, *hic et nunc*, e permanentemente sobre esses aspectos.

Frisamos também o direito e o dever, *quisque suum*, dos professores verem perseguidas e concretizadas as condições do *status* profissional e logístico, para que a

¹ Alice Tomé, Professora da Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, Doutora em Ciências da Educação, Sociologia da Educação. <http://atome.no.sapo.pt/index.htm>; atome@alpha2.ubi.pt

² Rafael Carreira Tomé, Professor, Doutorando em Ciências da Educação, Universidad de Sevilla. rafaelltome@mail.telepac.pt

acção educativa se desenvolva, *sem perder tempo*, buscando as soluções imediatas para as imediatas e futuras exigências que a sociedade quer ver realizadas pela via educativa.

Os ritos, as crenças não têm que explicar-se, transmitem-se porque vêm do fundo dos tempos (...). O indivíduo é o que for a sua possibilidade de se relacionar com o mundo que o rodeia. (Carreira, 1996: 323-333)

Educar pressupõe o aperfeiçoamento permanente do ser humano desde o nascimento até à morte, desenvolvendo as capacidades psíquicas e físicas de que é portador, e, isto pressupõe inatismo que vem desde as profundezas dos tempos, como afirma Alice Tomé,

Ora (...) se não se trata de saber se à saída da escola há ou não uma saída profissional (...), a escala, pode estar, a demitir-se, ainda mais, das responsabilidades sociais que lhe têm sido atribuídas. (Alice Tomé, 2001:18)

Hoje não é possível pensarmos a educação e a escola afastada desta realidade aceleratória que coloca em permanente encruzilhada os conhecimentos mesmo os que se julgavam mais pertinentes para durarem. Já não se trata de aprender um conjunto de conhecimentos, mas sim, de aprender a aprender, sempre e permanentemente desenvolvendo capacidades genéricas permanentemente adaptáveis. Assim, há que pensar o presente para que o presente pense em nós, sem perder de vista o futuro.

É urgente educar durante a “manhã”, para o futuro de logo à “tarde”, porque, “o perigo está na demora”.

Não é já possível pensarmos a educação para um amanhã de longo prazo, se afastada das realidades do mundo que nos rodeia *agora*.

As mudanças científicas, técnicas, sociais e valorativas são de tal forma rápidas e constantes que não se compadecem com esperas prolongadas para além do razoável. E, razoável parece ser o espaço de tempo que conduz o educando a *colher* cada dia os frutos da sementeira educativa.

Interrogou, já lá vão uns trinta anos, o Enólogo J. Carreira, a um dos podadores da sua vinha!: “Porque é que podas dessa maneira?” Ao que o podador explicou: “Porque este “gomo” é o da espera para a produção do próximo ano”. Então o Enólogo J. Carreira ordenou: “deixa-te de esperas, porque farto de esperar estou eu, quero é produção para este ano”.

Ora, no ambiente social actual, que mais parece de *Caos* instalado, com incertezas, angústias, inseguranças, do que de tranquilidade, alegria e felicidade, e isto,

apesar das vivências se concretizarem na “sociedade da abundância”, os educandos vivem num mundo que salta de mudança em mudança, a um ritmo tão rápido, que, têm a sensação, *aliás justificada*, de que crescem num mundo, mas, vão viver noutra. Por isso, querem ver os resultados educativos *já*.

Dito assim, pode inculcar-se a ideia de que, então a educação com objectivos de longo prazo pode não fazer grande sentido? Não é disso que se trata. Porque, a educação é sempre portadora das experiências do passado e transporta projectos de futuro, e, estes têm em conta o relacionamento com o mundo que *a* rodeia. “Cultura é mistura (...). É a educação de base que permite ao indivíduo adquirir os costumes, os usos, os mitos e os ritos do seu grupo cultural” (Carreira, 1996: 323-333).

É necessário valorizar mais a vertente do saber-fazer, fazendo, e fazer bem feito. Aconselhava, Luís de Camões, no século XVI: “tomai conselhos só de experimentados”, in *Lusíadas* (Camões, 1981), por isso, senhores professores e outros educólogos, proponham e desenvolvam “já” todo o tipo de actividades, de experiências e de práticas, para que, neste aspecto, não se concretize o provérbio português, “quem tempo tem e por tempo espera, tempo virá em que se arrependerá”.

Claro que, educar é preparar para a vida de hoje e do amanhã, não só do educando mas de toda a sociedade, *socializando, instruindo e formando* educandos capazes, responsáveis, autónomos nas acções e atitudes, livres, participativos, desenvolvidos física e psiquicamente, críticos, com carácter firme, agindo com rectidão moral, amantes dos valores da democracia, da liberdade, da paz e da justiça, e ávidos do aprender para saber e, do fazer durante toda a vida. Por isso, mas não só por isso, essa *educação, instrução e formação* precisa de incentivos imediatos que motivem constantemente, nomeadamente, logo desde o início da *Educação Básica*, não podemos deixar que, “por um vintém se percam cem”, fazendo a educação de hoje como se fosse, para colher resultados (valorativos e vivenciais) só na geração seguinte. Porque, se assim for, tempo virá em que a motivação desespera, definha e morre, talvez com a sensação de que, no acumular de sabedoria, “é tudo vaidade e vento que passa”, ou parafraseando o livro da sabedoria (Eclesiastes, 1,3; 1,12,17), “que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do Sol?”.

2. Escola e actualidade

A escola de hoje conserva ainda algumas das características vindas da anterior Era Industrial. É ainda uma instituição algo apreensiva, rígida, austera, disciplinadora, e por vezes avessa às mudanças. Mas, mesmo assim muito diferente das escolas dos nossos pais. Está mais democratizada, mais liberta, mais arejada, mais apta à educação das realidades actuais, onde as vivências escolares, os jogos, os convívios, as visitas de estudo, os comportamentos, os hábitos e as práticas, as formas de pensar, de se expressar e posicionar são mais condizentes com o meio envolvente que caracteriza as vivências da população escolar e da sociedade, e, isso faz com que a escola exerça uma educação mais actualista, *mesmo que não queira*.

A escola, além das transmissões e das aquisições de conhecimento, tem a missão de educar para os valores (solidariedade, amizade, lealdade, liberdade, paz, justiça...). Ora, estes valores requerem não apenas as palavras, mas, acções ou omissões imediatas, que os insiram nas realidades, sob pena de perderem sentido. A sua ligação aos conteúdos requer acções práticas reiteradas no dia a dia social e individual, ou ficarão desgarrados para um amanhã longínquo que pouco ou quase nada terá a ver com as realidades de hoje. Também nestes aspectos a educação requer eficácia para o actual, ou então os frutos produzidos poderão não ser bons frutos, o que poderia conduzir a educação a um fim atribulado “toda a árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo” (Mateus, 7, 19). Não queremos ver a escola a arder, mas, fica o *aviso*, de que: as incertezas, angústias, perplexidades, ameaças, injustiças e violência que se sentem no ambiente social e familiar são levados e vividos dentro da escola, e, isso, pode ser o sinal de que, nomeadamente, quanto aos *valores socio-educativos*, a escola não consegue sequer que no interior do seu espaço esses mesmos valores sejam efectivados na dureza do dia a dia. Mas, pior que isso, podem, nomeadamente as crianças de tenra idade, adquirir na escola o “desrespeito” pelos valores culturais societários face às ameaças, à violência, ao individualismo, à inquietude de que são vítimas. Então, a escola poderá estar ela própria a escandalizar as criancinhas, o que já nas profecias Bíblicas não é um bom presságio, “[...] desgraçado daquele que escandalizar uma só destas criancinhas. Mais lhe valera que O prendessem à mó de um moinho e o precipitassem no mar” (Marcos, 9, 42).

3. A culpa será da escola?

As relações sociais e interações são complexas e o *pluriculturalismo* sendo consequência inevitável da *globalização* impõe a livre circulação de pessoas, dos bens, dos serviços, dos saberes e da informação, mas, cada sociedade concreta tem a sua especificidade própria que a distingue das outras pela sua língua, costumes, tradição, mitos... educação.

Não estarão *outras instituições* a dimitir-se das suas responsabilidades? Família, Igreja, Estado, e Mundo Informativo e Comunicacional que de tudo se serve para agradar e conquistar audiências, mesmo *deseducando*, como tem acontecido, nomeadamente, com certos programas televisivos que quando a criança chega à escolaridade Pré-Primária já têm da escola televisiva cinco ou seis mil horas de cativação com violência, *sensacionalismo barato*, publicidade enganosa, ficção confundível, consumismo, etc.

A televisão compete com a escola e, parece que, por agora, a vence. Depois do horário escolar, a televisão recicla e muda diariamente os *seus alunos* sem preocupação pedagógica ou didáctica, por *mestres* que ninguém habilitou para a docência. Há aqui um défice de cooperação dos *media*, com a Instituição Escolar, pondo em causa normas aprendidas no seio da escola, e, complicando assim as tarefas dos educadores e dos educandos. É urgente criar regras deontológicas claras, princípios básicos estruturantes orientadores da actividade dos *média*, que respeitem os valores que a sociedade quer ver transmitidos e praticados por constituírem princípios básicos sem os quais a vida em sociedade é praticamente impossível.

Há muitos séculos atrás advertia Platão, numa passagem do Fedro, para os perigos que há em confundir informação com saber, e, em consequência, em se pensar que mais informação leva necessariamente a um acréscimo de saber. Platão, referindo-se à então informação transmitida pela escrita, classifica-a de mera “aparência de sabedoria”, que torna os que a recebem “sábios imaginários”, residindo a sabedoria na educação que permite a descoberta, no interior da alma individual, do saber, e, isso, só acontece se o leitor conseguir interrogar o silencioso texto “pondo-o a falar”, interrogando-o, interpelando-o, e dando-lhe um sentido, mas isso pressupõe capacidade e condições, que possam transformar a informação (que merece) em saber, até porque nenhuma informação é inocente, toda ela transporta princípios programados que vão determinar a forma como pode ser recebida e apropriada. Ora, educar, formar, e

capacitar para seleccionar, interrogar, interpretar, dar sentido à informação, é tarefa de que a escola se deve ocupar sem descanso. Seja dito que, neste aspecto, a escola, parece ignorar muitas coisas, talvez Deus não *a* ande a inspirar, ou precise mesmo da intervenção de um Santo, mesmo para os não crentes. Endeusar a educação pode até não ser o melhor caminho e criar falsas expectativas, mas, a questão é que: sem a dita educação como podem os cidadãos saber e distinguir a mera aparência e reivindicar o que lhes é devido por direito?

Sem confundir as coisas, seja a sombra de uma vara com a de uma Catedral só porque ambas são pretas, ou alma com lama só porque têm as mesmas letras, uma coisa nos parece clara: é que, se as verdades absolutas são de outros tempos passados, uma delas parece que faz a excepção e é de hoje, e essa é a de que, são precisas regras educativas firmes, assentes em princípios inabaláveis que constituem a memória colectiva dos Povos e dos quais, neste “teatro mundial”, a escola e os professores nunca de devem desviar. Deverão ser irreconciliáveis e avessos a tudo o seja *deseducação*, violência, tirania, injustiça..., garantido assim a paz, o progresso, a solidariedade e o humanismo...

É inútil e escusado apontarmos apenas as causas económicas, sociais, culturais, étnicas, religiosas, políticas se não apontarmos os culpados, “a culpa continuará a morrer solteira”, porque não nos consta que os culpados, que atravessam a vida, silenciosa e irresponsavelmente a pactuar, a transigir, com os responsáveis, se tenham revoltado, gritado protestado...

A escola pode ter a sua quota parte de responsabilidade, mas, não está sozinha, e, será, *talvez*, a menos responsável pelo eventual *fracasso* sócio/educativo, nomeadamente da educação para os valores, que, outras instituições *mais poderosas* se encarregam de desvalorizar, adulterar, violar modificar... Mas, tem a responsabilidade de, dentro da escola, as vivências escolares do dia a dia, se pautarem, obrigatoriamente, pelos parâmetros valorativos que é suposto defender, porque, os tempos não são de contemplações, de silêncios ou cumplicidades passivas.

Não se deveria perder mais tempo porque a preguiça foi e é um pecado capital.

4. Os professores e o *status* profissional

Só a Mestria de Saberes e Mestria de si próprio, adquiridos pela educação, poderão conduzir o indivíduo e a sociedade em que ele se insere a uma maior riqueza. Não se pode ensinar o que não se aprendeu, não se pode dar o que não se possui, não se pode ser eficaz sem reflexão aprofundada e aquisição dos valores-padrão que regem as sociedades. (Tomé, 2000: 26)

Para cumprir as tarefas educativas que lhes são atribuídas, a escola, tem o direito e o dever de reclamar de imediato e permanentemente as condições necessárias para poder atingir esse objectivo, nomeadamente, as logísticas e, principalmente, tudo o que se refere e conduza à consideração e respeito social pela profissão docente, para que, com um estatuto digno, se sintam fortemente motivados nas suas funções, e, assim, *educando-instruindo, formando e capacitando* para a *vida de hoje* e do amanhã, vão abrindo uma estrada de prudente optimismo por onde os educandos poderão, se quiserem, e como quiserem, caminhar tentando sempre resolver o insucesso e mesmo transformá-lo em sucesso escolar para todos, onde não bastam frases redondas com palavras *luzidias*, ou conformismo de *laissez faire*. É preciso mais acção de todos os Actores socio-educativos, e já, “porque o perigo está na demora”.

Referências bibliográficas

- Carreira, T. (1996). “Identidade e pertença”. *Anais Universitários. Ciências sociais e Humanas* 7. Covilhã: Ed. da Universidade da Beira Interior, 323-333.
- Tomé, A. (2000). “Riqueza e poder das nações: Construir educando”. *Anais Universitários*, nº Especial – Anais Aniversário. Covilhã: Ed. da Universidade da Beira Interior.
- Tomé, A. (2001). *Sociologia da educação e escola et mores*. Lisboa: Editorial Minerva.